

Editorial

O tema dos Direitos Humanos retornou ao centro das reflexões e debates. Estamos diante de questões emergentes que nos convocam para repensar nossas escolhas, prioridades, estratégias sociais, econômicas, políticas, religiosas.

Nas últimas décadas cresce a consciência quanto aos riscos que os seres humanos estão correndo com relação à sobrevivência da própria espécie e, não estamos aqui demarcando apenas a questão ambiental, mas também todo o campo das relações humanas. Em nome de certa concepção de progresso e desenvolvimento, a civilização humana *parece* ter deixado de lado as condições indispensáveis para uma vida digna, responsável, de qualidade para todos e todas, integrada com o ambiente.

Usamos acima o verbo *parece* pela necessidade de ações emergenciais de curto, médio e longo prazo para que a paz, a justiça e a harmonia possam reinar, mas, estamos também cientes e podemos celebrar as inúmeras iniciativas que surgem nesta direção em todo o planeta. Enfim, nem todos estão desconectados de sua humanização, de sua relação com a terra, da riqueza da diversidade e sua complementaridade, da relevância de uma gestão consciente e responsável onde quer que estejamos.

Por isso mesmo aqui estamos, com mais um número da Revista CREatividade, na busca de colaborarmos com esta reflexão nos meios universitários, grupos de estudo, movimentos que se organizam pela defesa dos Direitos Humanos para todos e todas.

Essa edição convida à interlocução com algumas das muitas reflexões vivenciadas na VI Semana da Cultura Religiosa/2014, que teve como tema OS DIREITOS HUMANOS.

O artigo de **Fernando de Andréa - Meios de Comunicação Social, Educação e Direitos Humanos: algumas reflexões** – nos convida a revisitar o conceito de Paideia, em Platão e, lembrando que a Paideia grega era o resultado da consciência viva de uma orientação que rege uma comunidade humana, participa da vida e do crescimento de cada cidadão e de toda sociedade. O advogado e professor alude à teoria da ação comunicativa, de Habermas, como embasamento para a superação de uma razão monológica, subjetivista na direção da racionalidade intersubjetiva, dialógica, aberta a comunicação, revisão e estratégias comuns. A pergunta central do artigo – *o que nos faz humanos?* – propõe uma reflexão sobre as muitas mediações nas relações do ser humano com o mundo, ser ontologicamente relacional, que encontra seu sentido na experiência protoprimary da morada comum.

A psicóloga e psicoterapeuta **Cristiana de Assis Serra** nos brindou com sua corajosa reflexão sobre a alteridade com o artigo - **Da Tolerância ao Outro à Celebração das Diferenças: Diálogo e Alteridade em Direitos Humanos e Religião**. Cristiana nos

convida a retomarmos a premissa da igualdade na dignidade, que põe em xeque a tese espúria dos “direitos humanos para humanos direitos”, segundo a qual só fariam jus a direitos aqueles indivíduos e grupos que escapassem à desqualificação moral decorrente de uma identidade estigmatizada. Com esse pressuposto, a autora nos convoca a uma reflexão sobre as relações éticas com as diferenças. O Deus da Bíblia, o Absolutamente Outro, nos interpela a relações interpessoais e coletivas nas quais o outro nunca seja um meio, um objeto, usado ou profanado para qualquer que seja o objetivo. A abertura ao totalmente outro, ao desconhecido, é processo de Revelação não apenas entre Deus e os seres humanos, mas entre os humanos e as demais criaturas. As lógicas binárias, onde se separam bons e maus, certos e errados, são oposições entre “nós” e “eles” e, como tais, são mutuamente excludentes, levando a santificar um dos lados e demonizar o outro.

Marcos Arruda, economista e educador, nos apresenta a urgência de mudanças significativas na gestão econômica com o tema - **Economia solidária como modo pós-capitalista de desenvolvimento**. A referência para esta proposta é a dinâmica implementada pela Economia Solidária, um movimento plural, que envolve não apenas pessoas que desejam colaborar com as questões de desigualdade, mas também com organizações e promovem este potencial a fim de contarmos com um novo modo de produção, pós-capitalista, em equilíbrio harmônico com a vida no Planeta e seus ecossistemas. O professor Marcos Arruda nos apresenta o movimento de Economia Solidária na América Latina e no Caribe com suas formas de organização da vida e do trabalho, tanto dos povos indígenas quanto dos modos europeus de organizar a produção e os fluxos econômicos de bens e serviços com base na autogestão, na cooperação e na solidariedade.

Prosseguindo nossa reflexão temática sobre os Direitos Humanos, o professor **Adolfo Borges Filho**, Procurador de Justiça no Ministério Público de nossa cidade e professor da PUC-Rio, nos alerta para o tema com o qual a Igreja do Brasil nos exortou na Campanha da Fraternidade de 2014 - **As modalidades do tráfico de pessoas sob o enfoque jurídico. A Campanha da Fraternidade CNBB/2014 como fonte de inspiração para o aperfeiçoamento da legislação brasileira**. É o próprio autor quem nos adverte que este não é um tema exclusivo do Direito Penal pois, ao adentrar a área dos Direitos Humanos, engloba todos os direitos e, com isso, a todos aqueles que assumem a responsabilidade abrangente e significativa do amor ao próximo. Seu artigo resgata o processo de “coisificação” ou “objetificação” do ser humano desde os tempos da escravidão, passando pelo tráfico de mulheres brancas para a prostituição e alcançando a Convenção de Palermo, um divisor de águas nesta questão. Qual o sentimento que nos conduz à indignação diante da violação extrema dos Direitos Humanos? O professor nos fala do sentimento de bondade, que cada ser humano deve cultivar em suas relações, e deste sentimento, brota o desejo de justiça e a consequente mobilização em sua defesa.

O tema do Holocausto na linguagem cinematográfica é apresentado pela aluna do Curso de Comunicação Social da PUC-Rio, **Ana Carolina Gonçalves Garritano** - **Memória e Ética na Representação do Holocausto**. A autora clama pela ética que é capaz de rever atos, refletir sobre comportamentos, leis e tradições que regem a cultura. Com relação ao cinema, a pessoa que deseja realizar esta produção tem uma

grande responsabilidade para com a memória de sua cultura e os membros da mesma. Ou seja, na linguagem cinematográfica, ética e estética não são opostas. Através dos filmes Noite e Neblina (1955) e O Leitor (2008), Ana Carolina analisa os significados sobre o Holocausto representados através desta linguagem, roteiro, narrativa e constituição dos personagens.

A Exortação Apostólica do Papa Francisco também está presente nesta edição, através do brilhante artigo do Pe. **Luis Corrêa Lima**, jesuíta, doutor em História e professor na PUC-Rio. Com o tema **A alegria do Evangelho e os conflitos morais**, Luis Corrêa nos impele a observarmos as preciosas luzes que o Papa Francisco coloca sobre os diversos campos, inclusive sobre dilemas e conflitos contemporâneos vividos no campo da sexualidade e da família. O anúncio da fé não deve estar concentrado em proibições, mas no essencial, que é também o que apaixona, atrai, cura todo tipo de ferida e aquece o coração. A proposta evangélica deve ser o referencial de leitura das diversas realidades e é dessa proposta fundante que vêm as consequências morais. Pe. Luis Corrêa nos lembra que a Evangelii Gaudium nos convida a acompanhar, com misericórdia e paciência, as etapas de crescimento das pessoas, seu processo pedagógico, de construção cotidiana. A família e seus desafios pastorais é olhada com a amorosidade do pastor que reconhece a presença da Graça atuante de Deus em todas as realidades, discernindo os elementos valiosos a serem acolhidos, orientados e incluídos nas comunidades e em todo o mundo dos filhos e filhas de Deus.

Um caso particular nos auxilia, na conclusão desta edição, a revermos as práticas éticas em nosso cotidiano. **Fernando Campos**, aluno do Curso de Comunicação Social da PUC-Rio, reflete sobre **O dia em que o interesse venceu a ética na televisão brasileira**, ao retomar o Caso Eloá e sua cobertura jornalística (2008). Fernando avalia a apresentação e intervenção jornalística tendo como referência o próprio Código de Ética do Jornalismo. O episódio é lembrado como memória do que fere radicalmente a ética e, com isso, interfere nos posicionamentos próximos e distantes do fato. A responsabilidade do Jornalismo não pode ser deixada de lado em razão de qualquer outro fator, seja comercial, sensacionalista, ideológico. Um caso para ser lembrado a fim de servir como tomada de consciência e atitudes responsáveis.

Enfim, aí está nossa 3ª. Edição da Revista CREatividade, com um tema forte, ousado, mas ao qual não podemos nos furtar como universidade católica, como cidadãos que buscam um processo de humanização para todos e todas.

Desejamos que seja um ótimo espaço de reflexão e ação para que nossa Gente possa brilhar e não mais morrer de fome !

Rosemary Fernandes da Costa
Editora
Professora PUC-Rio